

EDITORIAL

Mariana Gaio Alves

Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento
Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Nova de Lisboa
mga@fct.unl.pt

Joana Campos

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
j.campos@netvisao.pt

Os artigos reunidos neste primeiro número da Revista Interacções pretendem contribuir para uma compreensão mais aprofundada da problemática das transições entre os diferentes ciclos de ensino e entre a educação e o trabalho. Trata-se de reflectir sobre realidades que constituem “fronteiras” entre ciclos ou entre sistemas, pelo que frequentemente permanecem ao abandono no panorama científico nacional.

Embora todos os contributos se centrem na problemática das transições, analisam-se diferentes etapas das trajectórias escolares, desde o pré-escolar aos níveis mais elevados do ensino superior, e vias de ensino sobre as quais temos menos investigação disponível, como são os casos do ensino técnico e profissional no secundário e do politécnico no superior.

Nas abordagens apresentadas emerge uma grande diversidade de problemáticas associadas às transições. Algumas destas problemáticas são o insucesso e abandono escolares, as desigualdades sociais (de classe e de género) que marcam as trajectórias dos indivíduos, a relação entre políticas educativas e realidades da educação, as articulações entre diploma escolar e situação profissional, o desemprego dos jovens recém saídos do sistema educativo e a passagem de jovem a adulto, entre outras. Se uma parte destas problemáticas já foram desenvolvidas em numerosas pesquisas, há outras que constituem objectos de estudo menos analisados, mas todas elas são passíveis de algum aprofundamento quando perspectivadas a partir desta temática das transições.



As investigações dos diversos autores são também heterogêneas, revelando diferentes formações disciplinares (Psicologia, Sociologia, Economia, Ciências da Educação) e uma multiplicidade de referências conceptuais, teóricas e metodológicas. As discussões e resultados trazidos pelas pesquisas apresentadas reforçam a visibilidade da complexidade do fenómeno revelando-se bastante enriquecedoras para a problematização da temática das transições e para a explicitação de percursos de pesquisa significativos sobre esta mesma temática.

Um primeiro contributo decorre do trabalho desenvolvido no seio da Psicologia Educacional, com o artigo de Isabel Rodrigues. A autora apresenta a sua reflexão em torno do problema da transição entre o jardim de infância e a escola do 1º ciclo do ensino básico, sustentada pelos resultados de duas pesquisas. Um primeiro estudo exploratório, em que realizou um inquérito por questionário a cerca de uma centena de educadoras de infância e professoras do 1º ciclo do ensino básico, de estabelecimentos públicos, do distrito de Santarém. Um segundo estudo de natureza longitudinal que acompanha o processo de transição entre o pré-escolar e o ensino básico de 30 crianças, reunindo a análise das referências de avaliação das respectivas educadoras de infância e professoras do 1º ciclo do ensino básico, através da realização de entrevistas e de análise documental. A autora dá conta ainda de uma comparação com outros países europeus sobre as principais medidas políticas adoptadas neste âmbito. Os resultados tornam visíveis as (des)continuidades entre as concepções dos profissionais de educação destes dois níveis de ensino, demonstrando os contrastes entre as exigências e expectativas dos adultos face às crianças na sua passagem, como refere a autora, da condição de criança para a de aluno.

Pedro Abrantes traz-nos uma “abordagem tripla” desenvolvida em torno da problemática das transições entre ciclos do ensino básico e secundário. Num primeiro momento procura reunir as referências fundamentais que compõem o enquadramento teórico-analítico desta problemática, considerando para o efeito enfoques analíticos distintos, embora com forte sobre representação das referências provenientes da produção sociológica. Neste mapeamento o autor identifica claramente zonas de investigação e discussão a explorar futuramente e também, como contributo para a discussão, informação empírica relevante de natureza estatística.



O artigo de Margarida Chagas Lopes ocupa-se, essencialmente, da problemática das transições vividas no ensino secundário através da análise das trajectórias de escolarização dos estudantes de seis escolas secundárias da Grande Lisboa. Metodologicamente os dados apresentados e discutidos resultam de uma combinação de bases de dados provenientes de dois estudos anteriores, sendo que a análise combinada de variáveis independentes e dependentes provenientes de realidades escolares distintas permitiram a compreensão mais aprofundada de fenómenos como o “efeito escola”, a importância da frequência do pré-escolar, entre outros. A análise longitudinal, central no trabalho apresentado, reforça a ideia da não-linearidade dos percursos escolares, associando as várias vias de ensino a trajectórias escolares distintas.

Relativamente ao ensino secundário, o artigo de António Martins, Luís Pardal e Carlos Dias sobre o ensino técnico e profissional dá conta de uma comparação entre resultados encontrados em pesquisas com um intervalo de 15 anos. O primeiro levantamento realizado junto dos alunos dos cursos técnico-profissionais reporta-se ao ano de 1989, o segundo, de 2004, reúne os dados recolhidos nos cursos tecnológicos e técnico-profissionais. Quem são os alunos que frequentam este subsistema de ensino, quais as suas origens sociais, que percursos escolares tiveram até ao final do ensino básico, quais as suas aspirações futuras, e em que medida a escolha por este subsistema resulta de uma opção, de facto, ou de uma falta de alternativa, são as questões de fundo dos estudos comparados e apresentados. Os resultados demonstram o carácter diferencial desta via de ensino, com forte correlação entre a frequência escolar e origem social e aproveitamento dos alunos, que no espaço destes 15 anos se acentuou. Os autores sustentam a ideia de que as escolhas escolares não são tanto de natureza vocacional, mas, sobretudo, social.

Os canadianos Claude Trottier, Madeleine Gauthier e Claire Turcotte são os autores de um artigo que aborda o processo de inserção profissional de jovens que interromperam os estudos sem concluir o ensino secundário ou o “colegial” (ensino superior não universitário) no Quebec. Apoiando-se numa abordagem metodológica de tipo qualitativo, o artigo dá conta dos resultados de um conjunto de 99 entrevistas semi-estruturadas a jovens que há 5 anos tinham saído do sistema educativo, as quais permitem caracterizar retrospectivamente esse período de 5 anos. Inspirando-se em pesquisas anteriormente realizadas e nos pressupostos teóricos indicados no artigo, a



análise das entrevistas permitiu construir uma tipologia de 4 situações diferenciadas em matéria de inserção profissional, bem como comparar os percursos de rapazes e raparigas e de jovens de diferentes vias de ensino (vias geral e profissional no ensino secundário; vias pré-universitária ou técnica no ensino superior não universitário). Nas conclusões os autores sublinham a complexidade dos itinerários de inserção profissional, apontando para a necessidade de relativizar a importância do diploma no acesso ao emprego e constatando a multiplicidade de elementos que influenciam essa passagem do sistema educativo para o mundo do trabalho. Esta ideia é reforçada pelo facto de os resultados indicarem que entre os jovens que abandonaram os estudos sem obterem diploma se encontram um grande número de sujeitos que demonstram capacidade de delinear estratégias diversificadas alcançando uma situação profissional relativamente estabilizada, conquistando e mantendo a sua autonomia e construindo projectos de vida exequíveis.

O artigo de Susana da Cruz Martins e Joana Campos centra-se na transição entre o secundário e o superior, tendo por base os resultados de um inquérito por questionário aplicado aos alunos de 1º ano de todas as Escolas que integram o Instituto Politécnico de Santarém. A abordagem de cariz sociológico desenvolvida pelas autoras organiza-se em dois eixos principais: caracterização social dos estudantes e análise da construção social das escolhas referentes ao ingresso no ensino superior. No primeiro eixo, os resultados apontam para a existência de alunos provenientes de origens sociais diversificadas, ainda que se mantenha uma significativa reprodução social, bem como é notória uma forte feminização. No segundo eixo, realça-se que um grupo alargado de alunos declaram que sempre tiveram a intenção de prolongar os percursos escolares até ao superior, enquanto para outros, em número mais reduzido, essa decisão foi mais tardia em termos de trajectória escolar. As autoras sublinham, ainda, que os alunos tendem a adiar, para após a conclusão dos estudos, a entrada na conjugalidade e a inserção na vida activa.

Numa análise que procura dar conta da transição do ensino superior para o mercado de trabalho, Pierre Dubois sublinha que os diplomas deste nível de ensino permanecem com valor mais elevado do que de outros níveis de ensino, mas que têm vindo a ser objecto de um processo de degradação significativo. Relativamente à inserção profissional dos diplomados do ensino superior o autor elabora uma síntese dos dados relativos à situação dos diplomados do ensino superior no mercado de trabalho em



França, a partir da análise de diferentes bases de dados, em articulação com a discussão dos principais modelos analíticos de referência. Numa segunda parte o autor apresenta o *Observatoire des Formations, des Insertions Professionnelles, et Evaluations* da sua Universidade, e o impacto que as análises produzidas por entidades deste tipo têm no seio das Universidades, por um lado, e no “jogo” de expectativas e aspirações profissionais dos estudantes deste nível de ensino, na transição para o mercado de trabalho, por outro.

Por fim, o artigo de Mariana Gaio Alves debruça-se sobre a questão das expectativas dos diplomados do ensino superior enquanto problema social e problemática científica, contribuindo para um aprofundamento da análise das relações entre educação e emprego. A autora dá conta do modo como se “entrelaçam” estes domínios de inserção dos diplomados do ensino superior, quer com o mapeamento das principais correntes teóricas que sustentam a problemática, quer com a apresentação de informação empírica reunida recentemente através de dois inquéritos por questionário a licenciados, mestres e doutores. Assim, procura clarificar questões como: Quais as razões para a frequência de níveis de ensino superiores? Que graus de satisfação têm os diplomados relativamente às suas trajetórias profissionais? Quais as características dos percursos profissionais dos diplomados pelo ensino superior?

Nos artigos reunidos neste número percorreram-se caminhos teóricos e metodológicos diversos, quer em termos de perspectivas analíticas e disciplinares mobilizadas, quer no que respeita a áreas temáticas e níveis de escolaridade abordados. A leitura cruzada das diferentes contribuições suscita uma multiplicidade de novas interrogações que, assim o desejamos, podem constituir pontos de partida para outros percursos de investigação que permitam aprofundar a problemática das transições entre ciclos de ensino e entre educação e trabalho.